



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS – *CAMPUS* PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

MARLENE MARIA DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE O PATRIARCALISMO E A CONDIÇÃO FEMININA EM
D. NARCISA DE VILLAR**

MARLENE MARIA DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE O PATRIARCALISMO E A CONDIÇÃO FEMININA EM
D. NARCISA DE VILLAR**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras –
Português do Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins – *Campus* Palmas, como
exigência à obtenção do grau em Licenciatura em Letras
– Português.

Orientadora: Prof^a. Dra. Nahete de Alcântara Silva

MARLENE MARIA DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE O PATRIARCALISMO E A CONDIÇÃO FEMININA EM
D. NARCISA DE VILLAR**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras –
Português do Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins – *Campus* Palmas, como
exigência à obtenção do grau em Licenciatura em Letras
– Português.

Orientadora: Prof^a. Dra. Nahete de Alcântara Silva

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Orientadora: Prof^a. Doutora Nahete de Alcântara Silva
IFTO – *Campus* Palmas

Examinadora: Prof^a. Mestre Fernanda Silva Neves
IFTO – *Campus* Palmas

Examinadora: Prof^a. Doutora Soraia Cristina Blank
IFTO – *Campus* Palmas

Silva, Marlene Maria da

Um olhar sobre o patriarcalismo e a condição feminina em D. Narcisa de Villar / Marlene Maria da Silva. – Palmas, 2019. 47 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras – Português) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Palmas, 2019.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Nahete de Alcântara Silva

1. Patriarcalismo. 2. Condição feminina. 3. D. Narcisa de Villar. I. Título

*À minha mãe, Tereza e a Deus por serem
meu alicerce de cada dia.*

Deus, eu gostaria de lhe agradecer pelas inúmeras vezes que o senhor me enxergou melhor do que eu sou. Pela sua capacidade de me olhar devagar, já que nessa vida muita gente me olhou depressa demais para decifrar o meu real valor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me proporcionado a oportunidade de estudar, me dado saúde e perseverança para superar todos os obstáculos que foram surgindo em meu caminho e conseguir chegar ao meu objetivo.

A esta instituição por ter excelentes profissionais de alta qualificação e por manter um ambiente favorável a todos os seus alunos.

Agradeço imensamente a minha mãe Tereza Maria da Silva, por ser a pessoa que mais me incentivou a estudar e lutar sempre pelo meu sonho, por não medir esforços para que eu pudesse concluir com sucesso esta etapa da minha vida.

Aos meus irmãos que de perto ou de longe torceram por minha conquista. Ao meu namorado Noenildo Moura da Cruz que por inúmeras vezes deixou-se de lado para atender as minhas necessidades, e por ser um dos que mais torceram por minha vitória e sucesso.

Agradeço a minha orientadora, Nahete de Alcântara Silva, por ter aceitado o convite para me orientar, tendo paciência e dedicação para que eu pudesse realizar a conclusão deste trabalho. Agradeço também as professoras Fernanda Neves e Soraia Blank que aceitaram participar da banca avaliadora, tirando parte de seu tempo para estar presente neste momento tão esperado por mim. E ao professor Rivadavia Porto que nas horas de apuros estava sempre a postos para me ajudar com o seu vasto conhecimento.

Agradeço a todos os professores que desempenharam com dedicação e atenção as suas aulas, alguns ajudando de maneira direta e outros indiretamente. Alguns se mostrando bem mais que educadores, sendo também um apoio, uma pessoa amiga, sempre prontos para ajudar de alguma forma sem medir esforços.

Agradeço aos meus amigos, por confiarem em minha capacidade e estarem sempre ao meu lado torcendo e me encorajando nos momentos de estudo. Em especial, Eula Paula, Poliana Coutinho e Andressa Tácylla, que estiveram presentes em toda essa trajetória do curso, Agradeço pelo companheirismo, amizade e dedicação de seu tempo para comigo.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho buscou apresentar uma reflexão acerca do conceito de patriarcalismo e feminismo contidos na obra de D. Narcisa de Villar, fazendo a relação de como estes conceitos eram explicitados no livro, e qual era a posição da sociedade quanto a este tema. A pesquisa foi realizada qualitativamente, através da leitura do livro e pesquisas sobre o patriarcalismo e o feminismo. A partir da análise da obra, percebeu-se a existência destes dois conceitos na obra, sendo possível apresentar os parágrafos da obra em que foram encontrados a representação do patriarcado e do feminismo. Esta pesquisa contribuirá social e academicamente com a comunidade escolar e as pessoas possuidoras pelo gosto da leitura, uma vez que ela revelará aos alunos e leitores envolvidos com a educação como a questão do patriarcado e do feminismo era visto pela sociedade, fazendo com que os leitores possam comparar a situação do século XIX com os dias atuais, contribuindo para um pensar e fazer diferente, no sentido de estimular uma reflexão e hábitos diferentes de agir.

Palavras-chaves: Patriarcalismo. Feminismo. Século XIX.

SUMMARY

This study sought to present a reflection about the concept of patriarchalism and feminism in the work of D. Narcisa de Villar, making a relation with the approach used for explaining these concepts in her book, and what was the position of society on this subject. The research was carried out qualitatively, through research on patriarchalism and feminism, as well as a meticulous reading of the book. From the book analysis, the existence of these two concepts were spotted, making possible a presentation of patriarchy and feminism found in the paragraphs her work. This research will contribute socially and academically to the school community and people keen on reading, due to the fact that it will display how the issue of patriarchy and feminism was seen by society to students and readers involved with education, creating conditions for them to compare the situation of the nineteenth century with the present day, contributing to different thinking and acting, in order to stimulate reflection and different living habits.

Keywords: Patriarchalism. Feminism. 19th century.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O QUE É LITERATURA?.....	12
2.1 A importância da Literatura no Brasil.....	13
3. O ROMANTISMO.....	15
3.1 O romantismo do século XIX.....	16
3.2 Retratação do romantismo na obra.....	18
4. O CONCEITO DE PATRIARCALISMO.....	19
4.1 O patriarcalismo e a obra de Ana Luísa Castro.....	24
5. REPRESENTAÇÃO FEMININA.....	27
5.1 Literatura feminina.....	29
5.2 Representação feminina em D. Narcisa de Villar.....	30
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
7. D. NARCISA: Entre o Patriarcalismo e a representação feminina.....	33
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
9. REFERÊNCIAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho propõe-se discutir a representação da figura feminina na obra *D. Narcisa de Villar* (1857), de Ana Luíza de Azevedo Castro (1823-1869), um romance do século XIX, o qual foi publicado primeiramente em forma de folhetim, no jornal *A Marmota*, do Rio de Janeiro, entre 13 de abril e 06 de junho de 1858 e no ano seguinte, em 1859 foi publicado o romance em livro.

A autora apresenta nessa obra a história de uma mulher que marcou a época por não corresponder às expectativas esperadas, em relação ao comportamento das mulheres daquela sociedade, tornando-se transgressora. A protagonista, que dá nome à obra, transgride as normas da sociedade vigente, desafiando a família ao recusar-se casar com o homem escolhido e designado a ela por seus irmãos.

Portanto, trata-se de uma visão abrangente e ao mesmo tempo causa reflexões acerca do romance *D. Narcisa de Villar*, que foi caracterizado, tematicamente, pelo patriarcalismo e o feminismo. A obra é protagonizada por uma personagem que resiste à opressão em que vivia e torna-se uma transgressora por não aceitar o destino que lhe impuseram. Com isso, ela dá visibilidade às mulheres, principalmente pelo período colonialista da época.

Nessa narrativa, observamos de que forma Ana Luísa Castro, em pleno cenário patriarcal da sociedade colonial do século XIX, se posta diante desta situação, a autora tem uma visão feminina e olhos críticos em relação a alguns fatos, se colocando sempre do lado dos personagens oprimidos. A figura feminina é retratada por impor sua voz e personalidade, mesmo que sua atitude lhe custasse a própria vida. A partir da análise dessa obra, percebemos que a narradora se posiciona ativamente da história, tomando partido pelo casal, fazendo juízos de valores, torcendo para que o casal tivesse um final feliz, mesmo sabendo que o final seria trágico.

Nessa época, os escritores eram conhecidos por muitas obras escritas e entre eles nenhuma mulher se destacava, e isso passou uma falsa impressão de que não havia produção feminina no Romantismo brasileiro, pois as obras escritas por elas não eram assinadas pelas mesmas, para não sofrerem a opressão e crítica da sociedade as mulheres se escondiam atrás de um pseudônimo, por medo das críticas. Assim, para a elaboração deste projeto, fundamentamos nos apostes teóricos de Muzart (2001), Saffiot (1976), Candido (1918), Beauvoir (2008), Ramalho (1999), entre outros.

Ao observar que a obra é pouco conhecida e trabalhada no contexto acadêmico, tivemos o propósito de contribuir com os alunos pesquisadores com a apresentação de uma obra rica e interessante. A partir da análise desses elementos, buscamos a princípio descrever sobre o que é a literatura e o quanto ela é essencial na vida do ser humano. Apresentando também, o estudo das literaturas como práticas de linguagem e expressão da cultura de um povo e de uma época.

2. O QUE É LITERATURA?

A literatura nasce a partir de um processo de comunicação, possuindo diversas funções na sociedade. Ela pode promover o entretenimento de pessoas, assim como fazer com que o indivíduo busque respostas, ou seja, buscar uma nova forma de linguagem para exprimir novas experiências de vida.

Surgiu do Latim através da palavra “*Littera*” que significa “Letra”, dentro da literatura existe uma intenção para sua produção, seja para exacerbar a beleza da sua escrita a beleza da sua palavra, como também para desenvolver alguma crítica, um olhar diferente ou um ponto de vista diferente acerca de determinada situação.

A leitura associada a literatura é de fundamental importância para o desenvolvimento do indivíduo, para sua formação social, contemplando os mais variados aspectos desde a linguagem, a emoção, a sua criticidade e o exercício de reflexão que são processos fundamentais para diferentes aprendizagens. É através das leituras que as pessoas, podem apropriar-se de um vasto conhecimento sobre diferentes linguagens, descobrindo novos mundos culturais e adquirir vários saberes.

Segundo o crítico Afrânio Coutinho (2003):

“A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma ou outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.”

Dessa forma, os textos literários têm como função provocar sensações e produzir efeitos estéticos, os quais farão com que os indivíduos entendam e melhore suas ações. O conceito de literatura foi alterado ao longo do tempo, e o seu significado que conhecemos hoje, é diferente da visão clássica de quando surgiu.

Essa Literatura foi se abrangendo em diversos textos, englobando diversos gêneros que conhecemos como: a literatura infantil, o cordel dentre vários outros.

Contudo, a literatura representa recriações da realidade, ou seja, os autores utilizam palavras para expressar algo subjetivo, um sentimento, histórias fictícias inventadas de determinadas épocas ou lugares, transformando sua obra em contos, crônicas, romances entre outros.

A seguir será abordado a importância da literatura na vida social e cultural do indivíduo. Onde é apresentado a ele expressividade, subjetividade e sentimentos em relação ao assunto do texto lido, fazendo com que o ser humano desenvolva sua criticidade e seu ponto de vista a respeito de determinado contexto.

2.1 A importância da Literatura no Brasil

A literatura é muito importante na vida de qualquer pessoa, pois ela é fundamental para a formação de cidadãos capazes de analisar criticamente o mundo em que vive. Sendo considerada a arte da palavra, a literatura pode influenciar positivamente na vida das pessoas. Os indivíduos que não têm acesso ao mundo da literatura têm dificuldades não apenas na interpretação, mas também na comunicação e não consegue se manifestar sobre fatos e acontecimentos à sua volta.

Visto que, a literatura tem o papel social e cultural de abarcar diversos aspectos em relação a sociedade, provocando sensações e reflexões ao seu leitor, ela apresenta comunicação, linguagem e criatividade, por isso é considerada a arte das palavras. Portanto a literatura é de fundamental importância, sendo necessário saber aproveitar o vasto conhecimento que ela nos proporciona, é preciso utilizá-la de maneira consciente, tendo em vista o conhecimento adquirido tende a renovar os aspectos culturais de acordo com cada grupo de geração.

Historicamente, os estudos literários no Brasil constituem-se a partir do século XIX, período em que se inicia a atividade que mais tarde convencionou-se chamar “*crítica literária*”. Partindo destas análises iniciais, foi possível observar o papel do ensino da literatura em um projeto de formação de modelo humanista. Este panorama do modelo de ensino vigorou no Brasil durante o período colonial, Souza (1999) aponta para a predominância de uma educação que privilegiava os estudos de latim e sua literatura, além de gramática portuguesa e retórica.

No século XIX, no momento em que o desenvolvimento na literatura brasileira está relacionada a uma construção política de identidade nacional, os textos escritos por

mulheres vem denunciar, a exclusão da participação feminina na produção de uma identidade cultural brasileira.

A história literária do Brasil era vista como uma dependência da literatura portuguesa. Os primeiros séculos eram vistos como um prolongamento da história literária portuguesa, simples continuação da mesma. Isto, apesar dos esforços de Sílvio Romero e outros. Nunca aceitei esta tese. Sempre me rebelei contra ela. Sempre enxerguei o início da literatura no Brasil como literatura brasileira. (COUTINHO, 2003, p. 23)

Ao definir a literatura brasileira, na década de 50 do século passado, Afrânio Coutinho, levanta cerca de dez características no processo evolutivo da literatura brasileira e de nossa atividade literária, “sem pretensões a trabalho definitivo, sem tampouco confiar de todo na perdurabilidade dos traços definidores”.

O autor percebeu também a ausência de comunicação entre o escritor e a massa ao observar que, o escritor se habituou a produzir para públicos simpáticos, mais restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora esta circunstância, ligada à esmagadora maioria de iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhe permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficientemente vasto para substituir o apoio e o estímulo de pequenas elites.

O modelo de ensino desse tempo era voltado para as elites, em outro dado momento já não atendia mais às demandas escolares. Com a oportunização da escola as comunidades mais pobres da população, as quais historicamente foram excluídas do acesso aos bens culturais da nação, trouxe um novo cenário, ocorrendo assim algumas mudanças na área da literatura.

(...) durante cerca de dois séculos, pouco mais ou menos, os públicos normais da literatura foram aqui os auditórios – de igreja, academia, comemoração. O escritor não existia enquanto “papel social” definido; vicejava como atividade marginal de outras, mais requeridas pela sociedade menos diferenciada: sacerdote, jurista, administrador. Querendo fugir daí e afirmar-se, só encontrava os círculos populares de cantigas e anedotas, a que se dirigiu o grande irregular sem ressonância nem influência, que foi Gregório de Matos na sua fase brasileira. (COUTINHO, 2003, p. 222)

Antônio Candido diferentemente de Afrânio Coutinho, não considerou a literatura produzida pelos escritores brasileiros requintada, nem tampouco viu a elite literária. Nos anos 50, os textos desses dois críticos Afrânio Coutinho e Antônio Candido alicerçaram efetivamente novos rumos para a literatura brasileira, por isso são divisores

de águas, promoveram a ruptura dos estudos literários no Brasil com o passado de tradição historicista.

O contexto histórico do século XIX foi marcado por grandes movimentos como: A Independência, Abolição da escravidão, República, República Velha, Revolução Industrial, 1ª Guerra Mundial, Revolução Russa, 2ª Guerra Mundial e a Guerra Fria. Este período ficou conhecido como o século da razão, sendo o século das grandes invenções, das profundas transformações político-sociais e econômicas que influenciaram as gerações seguintes.

Por este motivo quando escreveu o romance, Ana Luísa de Azevedo Castro se escondia por trás de um pseudônimo: Indígena do Ipiranga, como a maioria das mulheres do século XIX, que não assinavam suas obras, pois a autoria feminina não tinha legitimidade naquela época e sofriam muitas críticas.

É importante ressaltar, que neste projeto não se pretende impor um pensamento conclusivo pronto e acabado, mas sim encadear uma série de reflexões a serem investigadas pelo leitor pesquisador, espera-se também resgatar uma parte da história literária e cultural brasileira do século XIX, confinada nas grades do patriarcalismo. Para tanto, no próximo tópico buscamos apresentar algumas partes dessa vasta história literária.

3. O ROMANTISMO

O romantismo foi considerado um movimento artístico, intelectual e filosófico, surgindo na Europa no final do século XVIII, atingindo seu ápice na metade do século XIX. Se caracterizou pela ênfase na valorização das emoções e sentidos, no individualismo, subjetivismo e na exaltação da natureza, assim como na rebeldia, idealismo e foco na imaginação. Por esses motivos, o movimento é entendido como uma reação ao racionalismo e materialismo exacerbados difundidos pelo Iluminismo e pela Revolução Industrial.

Embora o romantismo tenha se manifestado de forma mais explícita nas artes visuais, música e literatura, o movimento teve grande impacto na educação, nas ciências sociais e nas ciências naturais. Para os românticos, o foco era a subjetividade de cada indivíduo, incluindo o irracional, o imaginário, o espontâneo e o transcendental.

Em seu contexto histórico, o Romantismo surgiu durante o período conhecido como “Era das Revoluções” (compreendido, aproximadamente, entre os anos de 1774 e

1849), nas quais diversas transformações políticas, sociais e econômicas ocorreram no ocidente. Entre os principais movimentos revolucionários da época estão a “*Revolução Americana*” e a “*Revolução Francesa*”.

O romantismo no Brasil foi fortemente marcado pelo nacionalismo, pela exaltação do índio, escapismo, entre outras características próprias. Apesar de envolver diversas áreas da arte, o período romântico no Brasil foi fortemente voltado para a literatura e poesia. Nesse sentido, o romantismo brasileiro passou por três períodos: a primeira geração, a segunda geração e a terceira geração.

A Primeira Geração motivada pela recente Independência do Brasil em 1822, foi marcada por uma forte necessidade de afirmar a cultura local e romper com a influência europeia. Assim, as obras frequentemente transmitiam valores nacionalistas e adotavam o indianismo, que exaltavam os índios como heróis representantes da cultura.

A Segunda geração do romantismo brasileiro surgiu na metade do século XIX, e foi muito influenciada pelas obras do poeta inglês Lord Byron. Assim, as características mais marcantes desta época eram o pessimismo, desilusão, exaltação da morte, depressão e solidão. Por esse motivo, o período também é chamado de “*ultrarromântico*” ou “*mal do século*”.

A terceira geração se iniciou por volta de 1860 e possuía um foco altamente político e social, influenciada pelas obras de Victor Hugo. Assim, os artistas transmitiam em suas obras ideais abolicionistas, críticas sociais e de valorização da liberdade. O período também é chamado de “*geração condoreira*” em referência a um condor, tido como símbolo da liberdade. A seguir trataremos de apresentar a origem do romantismo do século XIX e as questões marcadas por este período.

3.1 O romantismo do século XIX

A estética romântica brasileira tem origem no século XIX, a sociedade já estava marcada por um público consumidor. Os filhos de famílias abastadas do campo, começavam a receber instrução jurídica, bem como os filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais, que representavam a grosso modo a alta classe média do país.

O momento foi marcado pelo nacionalismo, e o contexto histórico no Brasil acontece após a Revolução Francesa (1789-1799), onde o absolutismo entra em crise dando lugar ao liberalismo. Os romances foram inicialmente lançados em revistas e

jornais, os burgueses recorriam a eles como forma de entretenimento principalmente as mulheres. “Os primeiros românticos principiam a sua atividade na revista *Niterói* (1836), consolidam-na com a *Minerva Brasiliense* (1843), despende-se na *Guanabara* (1849-1855). Daí por diante continuam a produzir, mas perdem terreno como grupo” (CANDIDO, 1918, p.367).

O período do Romantismo consistiu numa transformação estética e poética desenvolvida em oposição à tradição neoclássica setecentista, e inspirada nos modelos medievais. Designando o movimento estético, traduzido num estilo de vida e arte, que dominou a civilização ocidental, durante o período compreendido entre a metade do século XVIII e metade do século XIX.

O Romantismo é marcado pelo romântico que é relativista e busca satisfação na natureza, no regional, pitoresco, selvagem, procurando pela imaginação escapar do mundo real para um passado remoto ou para liberdade, suas fontes de inspiração são: a alma, o inconsciente, a emoção, a paixão. O romântico é temperamental, exaltado melancólico e procura idealizar a realidade, e não reproduzi-la.

Os romances da época eram conhecidos apenas por escritores masculinos, mas grande parte das escritoras se escondiam atrás de pseudônimos masculinos, se justificando pelo fato de escrever. Nos dias atuais, uma grande parte das escritas femininas dos séculos XIX e XX, ainda são desconhecidas, assunto esse que vem abrindo caminho para a inclusão de obras e reconhecimento delas em novos estudos de gêneros que vem sendo valorizadas e incorporadas na trajetória do país.

D. Narcisa de Villar foi publicado por Paula Brito, no Rio de Janeiro, em 1859. Antes, porém, à guisa dos folhetins românticos, foi seriado em capítulos no jornal *A Marmota*, do Rio de Janeiro, de 13 de abril a 6 de julho de 1858. A autora, como tantas outras mulheres do século XIX, escondeu-se sob pseudônimo: usou Índigena do Ipiranga ao assinar tanto os capítulos do jornal quanto o livro no ano seguinte. (MUZART, 2001, p. 8)

Segundo Tavares (2007), o exercício da escrita foi, para as mulheres do século XIX, uma forma de romper os limites entre o privado e o público, destacando-se que o espaço privado era o único local aceitável para uma mulher. O ato de escrever configurava uma transgressão que ultrapassava os limites sociais acordados por uma sociedade conservadora e escravocrata.

Ao final do século XIX e início do século XX, a mulher começa a ganhar voz e a mudar seu pensamento, não aceitando mais ser submissa ao homem e a buscar sua

independência. Na obra, este fato é retratado na medida em que a personagem prefere a morte a ter que se casar com um homem sem amor, apenas porque seus irmãos tinham interesse financeiro naquele casamento.

3.2 Retratação do romantismo na obra

O período romântico foi muito importante para a escrita feminina, pois, sem dúvida, ao escrever a mulher obteve uma forma de romper os limites impostos entre homens e mulheres naquele século. As mulheres conseguiram posicionar-se através da escrita, podendo também participar de campanhas reivindicatórias, constituindo-se uma ação transgressora na época.

A obra *D. Narcisa de Villar*, foi escrita quando Ana Luísa de Azevedo Castro tinha apenas 16 anos, assim nas páginas iniciais do livro pede desculpas pela “mediocridade da linguagem” utilizada, e ao que percebemos, não por sua idade, mas pelo fato de ser mulher. Não se sabe muito sobre sua vida, mas sabe-se que era catarinense, e sua obra refletia sobre a condição da mulher numa sociedade patriarcal e preconceituosa, sabe-se também que ela passou a maior parte de sua vida morando no Rio de Janeiro, mantendo-se obscuro os dados mais específicos sobre sua vida.

Assim, escreveu o romance *D. Narcisa de Villar*, em que consegue transpor seus ideais e suas crenças através da história de uma mulher reprimida por seus irmãos, sem direito à voz. Para a publicação do seu romance utilizou um pseudônimo “Indígena do Ipiranga” por conta do patriarcado da época.

É um romance sobre a opressão da mulher pela família e pela sociedade, e sobre a escravidão dos índios pelos colonizadores. Aliadas, aparecem as denúncias ao machismo e ao racismo. A escritora escolhe os oprimidos como sua principal temática: a mulher e o índio, tendo esquecido o negro, que terá um singular tratamento em *Úrsula* (Reis, 1988), da maranhense Maria Firmina dos Reis, publicado no mesmo ano de *D. Narcisa de Villar*. (MUZART, 2008, p.15)

A partir dessa visão, é preciso fazer leituras e (re)leituras das obras literárias de escritoras femininas, para que se possa repensar as estruturas das obras, sempre alargando o olhar para uma visão ampla do todo e da figura oprimida socialmente, a mulher, propondo uma leitura plural, ampla e promovendo reflexões sobre o modo como eram elas tratadas pela sociedade da época e como a personagem mulher era retratada em suas obras.

No romance de Ana Luísa de Castro, Leonardo foge a esse padrão, demonstrando ser um homem protetor, forte e guardião. Leonardo demonstra por D. Narcisa um valor inigualável, um respeito e admiração muito grande o contrário de seus irmãos que só a vê como um objeto de negócio. Observou-se que o romance está presente na obra através da declaração de Leonardo por sua ama Narcisa, no seguinte trecho:

– Oh! Agora posso tudo dizer-te, falava o moço ébrio de alegria! Posso confessar-te que vivo de ti como a hera vive da seiva de que se alimenta, sem ti o mundo para mim é um deserto; tu é que enches meu coração; é que vens animar a aridez de meus pensamentos, que povoadas o espaço que segue-me a toda parte; teu nome repetido em segredo inunda a minha alma de inefável prazer; és tu o farol luminoso que guia meus passos na vida; eu te amo como desgraçado ama sua crença!... (CASTRO, 2001, p. 56)

No final a obra, mostra um momento extremamente romântico, marcando o final do embate entre Narcisa e o patriarcado, em que se apresenta com um grande empoderamento feminino. Ana Luísa Castro opta por encerrar a sua narrativa mostrando Narcisa vencida por seus irmãos algozes, vencida e morta por um amor o qual queria viver, se opondo ao tradicionalismo patriarcal que eles queriam impor a ela. Preferindo matá-la a ter que deixá-la ser submissa ao seu irmão patriarca.

Neste período, as transformações do comportamento feminino vinham tomando rumo à liberdade, a independência e a inserção do pensamento feminista na prática literária. Muitas escritoras tiveram destaque neste período, como: Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1860), Clarinda da Costa Siqueira (1818-1867), Delfina Benigna da Cunha (1791-1857), Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar, que teve sua obra publicada em 1862, entre várias outras escritoras.

Apesar de a figura feminina vir tomando o seu espaço, o conceito de patriarcado ainda hoje se encontra vivo e conta com o reforço do sistema capitalista na opressão e subjugação das mulheres na sociedade. Assim, no próximo tópico apresentamos a concepção do patriarcalismo, como surgiu e o que este termo representa.

4. CONCEITO DE PATRIARCALISMO

O Patriarcado tem origem da palavra grega “*Pater*” que significa “*pai de família*”. A primeira vez que o termo foi usado com conotação de preponderância do homem na organização social foi pelos hebreus com o propósito de qualificação do líder

de uma sociedade judaica. Mas o grego helenístico também já fazia menção ao termo, pois as mulheres eram concebidas como objetos de satisfação masculina e, conseqüentemente, julgadas como inferiores. Por isso, o Patriarcalismo tem como definição ideológica a supremacia do homem nas relações sociais.

As raízes do patriarcalismo, deu-se início na Grécia Antiga. O período de supremacia do patriarcado permaneceu por vários séculos. Foi o período da Revolução Francesa que começou certos questionamentos entre a organização da sociedade. O movimento francês defendia os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, abrindo novas portas para os indivíduos se posicionarem no mundo. O movimento revolucionário acabou com a concepção massificadora, permitindo o respeito a singularidade de cada um na rede social.

O patriarcalista refere-se aquele que estabelece uma autoridade sobre seus subordinados, podendo ser seus familiares: mulher, filho, seus empregados, escravos, seu povo ou pessoas envolvidas em aspectos políticos de uma organização social. A partir daí, tais pessoas passam a serem obrigadas a obedecer e exaltar a imagem do homem dominante.

O papel da mulher no século XIX, era o de ocupar um espaço secundário na família e na sociedade. No início era dependente do pai, depois do marido, privada de uma vida própria, pois não usufruía de direitos morais e igualitários.

A mulher via o casamento como um ato de independência, mas eram restringidas às atividades domésticas e sem muita credibilidade. Era vista como algo complementar no seio familiar, responsável somente pela casa e filhos, e em hipótese alguma poderia desafiar ou contrariar a autonomia do homem.

A educação das mulheres se restringiam em atividades voltadas para o ambiente doméstico, não podiam estudar nas mesmas escolas que os homens. Sem opção os pais pensavam que a melhor maneira de conduzi-la a uma vida social e estável seria através de um casamento bem-sucedido.

Assim, a mulher veio cumprir seu papel de companheira, de alento para os dias difíceis do homem; já nasceu dependente dele, veio da sua costela não como sujeito individual que pudesse ter ideias próprias, decidir, ser autônoma, mas com a doçura e a candura de quem está pronta para servir ao seu senhor. (LOPES, 2010, p. 98)

É errado afirmar que na história da humanidade o homem sempre foi superior as mulheres nas relações sociais, pois o patriarcalismo apenas inverteu a ordem de

supremacia, que em muitas civilizações tinha a mulher como superior, o matriarcalismo, antes os homens cultuavam uma Deusa Mãe. Só depois o patriarcalista estabeleceu o poder de uma autoridade religiosa masculina sobre seus subordinados.

Por tais motivos, a Revolução Francesa inaugurou uma nova fase na história da humanidade ocidental, marcando o início da chamada História Contemporânea. Que conduziram a sociedade francesa para a modernização e estabelecimento de uma democracia capitalista. O resultado repercutiu no Ocidente e influenciou diversos outros povos, incluindo o Brasil.

À medida que o homem vai controlando a natureza, seu poder sobre a mulher vai também, na mesma proporção, aumentando e se cerrando. O fruto da árvore do conhecimento afasta cada vez mais o homem da natureza, e a árvore do conhecimento é também a árvore do bem e do mal. Do bem, no que permite a continuidade do processo humano, e do mal no sentido em que cria o poder, a dominação como conhecemos hoje. (MURARO, 1992, p. 71).

É sabido que atualmente a cultura machista e patriarcal, por se tratar da história da criação da humanidade ainda estão enraizados nas pessoas, pois a muito tempo vem sendo lembradas por meio das religiões. O mito judaico-cristão é repassado de geração em geração, sendo um dos responsáveis por santificar as relações de poder e dividir os papéis entre homens e mulheres, transformando as relações afetivas entre eles em disputa pelo poder.

De todo modo, o Patriarcalismo ainda está embutido no subconsciente das pessoas. Embora as Constituições ocidentais afirmem que há igualdade entre homens e mulheres e entre todos os indivíduos da sociedade, o Patriarcalismo ainda se manifesta de alguma forma. Suas raízes ainda permanecem nas mentes humanas ao longo dos séculos e ainda hoje é possível ver as ocasiões em que o efeito do patriarcado está presente nos atos entre as pessoas.

Há muito tempo, homens e mulheres não possuem os mesmos direitos, o homem possui uma posição mais privilegiada na sociedade do que a mulher. Sendo este fenômeno chamado de patriarcado. Dessa forma, a realidade condiciona diferentes aspectos na vida pessoal, cultural, no reconhecimento dos direitos, nas condições de trabalho, no salário e até mesmo na voz de uma mulher, sendo a figura do homem a referência e o símbolo de poder do núcleo familiar e social da humanidade.

Para Saffiot (2004), o patriarcado é um caso específico das relações de gênero, onde estas são desiguais e hierárquicas. A ordem patriarcal de gênero admitiria

então a dominação e exploração das mulheres pelos homens, configurando a opressão feminina.

Saffioti (2004), defende o uso do conceito de patriarcado, pois esse representa um tipo hierárquico de relação que está presente em todos os espaços sociais e que é uma relação civil e não privada. Dessa forma, entende-se que o gênero patriarcado concede direitos materiais e de poder aos homens sobre as mulheres em relação ao contexto social, religioso e cultural.

A autora defende que, dentro da concepção massificadora da exploração da mulher, tanto o homem como a mulher possuem poder, mas de maneira desigual. A pequena parcela de poder que cabe ao sexo feminino, dentro de uma relação de subordinação, permite que as mulheres questionem a supremacia masculina e encontrem meios diferenciados de resistência, permitindo o respeito e a singularidade de cada um na rede social. Assim, Freyre (2003), também expõe a desigualdade entre homem e mulher desde os primórdios, entre sexo forte e o frágil:

É característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo. Mas a beleza que se quer da mulher, dentro do sistema patriarcal, é uma beleza meio mórbida. A menina de tipo franzino, quase doente. Ou então senhora gorda, mole, caseira, maternais coxas e nádegas largas. Nada do tipo vigoroso e ágil de moça, aproximando-se da figura de rapaz. O máximo de diferenciação de tipo e de traje entre os dois sexos. (FREYRE, 2003, p. 207)

A relação entre os sexos, em nossa compreensão, dá ao homem todas as liberdades de gozo físico sobre a mulher, enquanto ela fica obrigada a ir para a cama com o marido, todas as vezes que ele desejar. Ela por ser mulher precisa se manter no espaço privado do lar, quanto no espaço público das relações civis, são caracterizadas por uma relação hierárquica de poder. Nessa hierarquia a desigualdade e a exclusão das mulheres manifestam-se e são explicadas com base nas diferenças físicas, sexuais e biológicas.

Para Saffiot (2004), no âmbito patriarcal o poder é exercido pelo homem, a sociedade é influenciada não apenas por discriminações de gênero, como também de raça, etnia, classe social e orientação sexual. Saffioti (2004), acrescenta ainda que a grande contradição da sociedade atual é composta pelo nó patriarcado, racismo e capitalismo.

Em seu livro, Freyre (2003) relata que Langsdorff, nos princípios do século XIX, visitou uma fazenda no Mato Grosso, onde o homem da casa era uma mulher. Vasta matrona de cinco pés e oito polegadas, o corpo proporcionado à altura, um colar de ouro

no pescoço. Mulher já de seus cinquenta anos, andava, entretanto, por toda parte, a pé ou a cavalo, dando ordens aos homens com a sua voz dominadora, dirigindo o engenho, as plantações, o gado, os escravos. Era uma machona. Junto dela o irmão padre é que era quase uma moça.

Toda via, o conceito patriarcal perpassa não só a sociedade, como também o Estado. A estrutura de poder patriarcal foi absorvida pela religião e pela cultura. Com base nessa estrutura, toda a esfera social é perpassada pela oposição binária entre homens e mulheres.

A dominação do homem pelo homem e do homem sobre a mulher, que são as duas características essenciais do patriarcado, acrescida da dominação do homem sobre a terra, já estão santificadas. São então santificadas todas as cisões: 1) a cisão dentro do homem entre sexualidade e afeto, conhecimento e emoção. O conhecimento é colocado como causa da transgressão, porque de agora em diante ele vai ser o motor que vai fazer funcionar todo o sistema; 2) a cisão homem/homem – é essencial ao patriarcado a santificação da dominação de uns homens pelos outros, por que com isso se torna “natural” a escravidão(...); 3) cisão homem/mulher, com a consequente cisão público/privado. Esta cisão é essencial também porque a opressão da mulher é o que torna todas as outras possíveis; 4) a cisão homem/natureza, que é a base do cultivo da terra com instrumentos pesados.” (MURARO, 1992, p. 74)

Dessa forma, o sexo feminino é o principal afetado pelas contradições que embasam a sociedade. Primeiramente, a mulher é discriminada por ser mulher, como se essa condição a tornasse incapaz, incompleta ou falha. Assim, se as mulheres pertencerem às classes mais baixas da sociedade são menos valorizadas, sendo igualmente excluída pelo seu baixo poder aquisitivo.

Mantendo o poder ao longo da história, as relações humanas foram estabelecidas em patamares desiguais e hierarquizados. Sendo o patriarca a autoridade maior, ele determina as condições em que as pessoas devem ou não agir. Como dito anteriormente, o patriarcalismo está embutido no subconsciente da sociedade, embora muitos digam que existe igualdade entre homens e mulheres é perceptível que isso não condiz com a realidade.

O pensamento patriarcal ainda está muito presente nos dias atuais, e continua bastante enraizada no imaginário coletivo. Por isso, muitas pessoas ainda guardam ou cultivam a cultura e tradição de seus antepassados, apesar das constantes transformações ocorridas no decorrer dos tempos. Isso acontece porque muitos grupos não aceitam essa ruptura da história e insistem em permanecer com o pensamento coletivo de que o homem é o ser forte, inabalável e dominador, sendo dominados por

tradições herdadas, quando na verdade deveriam defender o direito de escolha e o livre exercício de ir e vir de cada um, independentemente do gênero.

4.1 O patriarcalismo e a obra de Ana Luísa Castro

Desde muito tempo, as mulheres lutam e sofrem buscando um espaço na literatura, e foi a partir da segunda metade do século XIX que começou a ser retratada a questão feminina na literatura. As mulheres começaram a lutar pelo reconhecimento dos seus direitos e o patriarcado começava a ser questionado, conforme a sociedade foi abandonando os valores tradicionais da religião, a ideia de que a mulher teria que depender ou mesmo se esconder por trás de um nome masculino foi se enfraquecendo.

O patriarcalismo apresenta-se na obra, logo no segundo capítulo do livro, no momento em que o irmão mais velho de D. Narcisa de Villar ordena que compareça a sua casa

Um dia, era o dia da festa de N. Senhora da Graça, logo pela manhã foi a moça surpreendida por uma mensagem de seu irmão mais velho, o *Homem Grande*. Ele lhe ordenava que fosse à sua casa vestida com os seus mais belos ornatos, a fim de receber a um ilustre hóspede que teriam ao jantar. Por mais intempestiva que fosse esta ordem, forçoso foi à órfã sujeitar-se, porque não era possível deixar de cumprir a vontade de seu irmão. (CASTRO, 2001, p. 31)

D. Narcisa de Villar se sentiu obrigada a obedecer seu irmão, por ele ser o homem responsável pela família, já que seu pai não estava mais presente. Portanto, foi acompanhada de sua fiel amiga e cuidadora, deslumbrante de beleza e graça para o encontro que seu irmão havia planejado sem o seu consentimento. Quando ela entrou seus irmãos mal a reconheceram e se surpreenderam com tanta beleza, ficaram admirados, não se deram conta de que há muito tempo não visitavam ela e que já havia se tornado uma mulher linda e majestosa.

Muitas mulheres têm tido um papel de fundamental importância na arte da escrita, mas quando falamos em literatura, apenas os escritores masculinos são lembrados. Permanecendo a mulher à sombra dos homens neste aspecto, ocupando quase sempre o papel de leitora e deixando de lado o fato de que ela também podia produzir. Tendo em vista, que desde muito tempo elas já vêm agregando o mundo da literatura, assinavam suas obras usando pseudônimos, por medo das críticas e

recriminações que poderiam sofrer na época pela sociedade. Conforme afirma Macedo (1990):

As estruturas jurídicas, políticas e administrativas do Império sobreviveram em Bizâncio. A liberdade da mulher também aí conheceu grandes limitações. Incapacidades jurídicas restringiam-nas ao meio doméstico. Não podia exercer cargos públicos. Só podia requerer em justiça quando o direito reivindicado fosse estritamente do seu interesse. Não podia exercer os ofícios religiosos. Em sinal de submissão deveria manter sempre os cabelos longos. Não podia até mesmo falar nos lugares de culto. (MACEDO, 1990, p.10)

Contudo, mesmo possuindo voz e direitos, a mulher ainda era considerada o sexo frágil. O pai, os irmãos ou marido se tornava o seu responsável, a partir disto, os textos escritos por mulheres não eram reconhecidos, para poder publicar suas obras elas começam a se esconder por trás de seus pseudônimos. A produção feminina na época foi excluída da identidade cultural brasileira.

Podemos observar em um trecho da obra, que a autora já tenta dar um olhar diferente para as figuras femininas, apresentando uma em defesa da outra. As duas mulheres da narrativa se defendiam e sempre estavam juntas, como em seu primeiro encontro com o homem o qual seu irmão ofereceu sua mão. No capítulo dois, a autora faz uma exaltação a personagem principal do livro, pois ela havia se tornado uma moça muito bela tanto por dentro quanto por fora:

Seu pescoço alvo como da gaivota de nossas margens, era ornado de colares de diamante, cujos laços lhe cobriam o alvo colo; seus cabelos pretos e lustrosos como as asas da jacutinga, eram suspensos no alto da fronte por flores de pedras de muito custo. Seu talhe fino e esbelto como o do beija-flor, era desenhado pelas longas e profundas pregas de seu vestido de cabaia azul com flores de prata; seus pés calçavam uns sapatinhos de cetim branco, de salto, que tornavam ainda mais majestoso o andar de rainha. Ah! Que era a mais bela virgem de todo o bairro! (CASTRO, 2001, p. 32)

Assim, D. Narcisa comparece à casa de seu irmão acompanhada de sua fiel Indígena, Efigênia, no horário marcado. Quando elas chegaram os irmãos da linda moça ficaram surpresos com tamanha beleza, pois a muito tempo não a viam, dessa forma não puderam acompanhar o seu crescimento e transformação de menina para mulher.

Em seu romance, Ana Luíza Castro traz um amor proibido, no qual só pode ser concretizado alguns minutos antes que D Narcisa de Villar e Leonardo morressem, acabando em um final trágico. Isso porque, dentro das ideologias coloniais, a consumação do amor entre um índio e uma branca não tinha legitimidade pela

constituição nacional, por causa da descendência ligada ao colonialismo da época. Ana Luíza Castro, em vez de dar um final como todas as mulheres tinham nos livros da época, decidiu que sua protagonista teria um final diferente, tratou de apresentar sua personagem como uma “heroína morta”, para que a personagem não se submetesse as ordens de seu irmão.

Para D. Martim, a irmã não passava de um mero objeto ao qual podia trocar por dinheiro, em seu pensamento ele mandava porque era o homem e ela obedecia porque era mulher, conforme posto pela narradora no seguinte trecho da obra:

Casar sua irmã com o seu antigo condiscípulo era para ele o fim desejado de um de seus belos planos: a sua ausência tão dilatada da capital se opunha à realização de seus projetos: [...] era ele o Coronel Pedro Paulo, rico nobre, e de bom nome, que de tão longe vinha pedir a mão de D. Narcisa de Villar; esta aliança que vinha achar tão forte apoio na vontade de D. Martim [...]. (CASTRO, 2001, p. 42-43)

O romance tem sua peripécia no momento em seus irmãos decidem entregá-la aos cuidados de um coronel português, com a ambição de manter a herança, exclusivamente, nas mãos dos Villar. Esta peripécia inverte o rumo dos acontecimentos, pois o que se esperava era a possibilidade de um final feliz entre Narcisa e Leonardo, mas os acontecimentos da narrativa levam à fuga dos apaixonados, e assim começa uma perseguição de D. Martim e seus irmãos em busca de Narcisa, quando enfim a encontram mata tanto Leonardo como também sua própria irmã, D. Narcisa de Villar.

Assim que soube por Leonardo os planos de seu irmão, D. Narcisa de Villar se espantou, pois não conhecia ninguém além de Leonardo que pudesse amar. Ainda mais, que nenhum de seus irmãos haviam lhe consultado, para decidir com quem ela iria se casar, para enfatizar a presença da inferiorização da mulher em respeito aos homens no romance, a autora descreve a fala de D. Narcisa para D. Martim.

— Ah! Exclamou a moça exaltando-se: não me consultaram; sou eu a única que tudo ignoro de um fato que sabe-lo-á talvez até o mais obscuro dos criados que me servem, porque dispuseram de mim um fardo, que se mercadeja!... Se querem agora a minha presença, é para que o comprador veja melhor a qualidade do estofado que ajustou pelo preço que se chama dote! Ah! e querem, depois de toda esta profanação do mais sagrado de todos os atos da vida da mulher, que haja casamentos felizes?... Irrisão!...
D. Martim mordeu os lábios até ferir sangue, ouvindo falar assim a donzela. (CASTRO, 2001, p. 70)

Neste trecho, podemos observar que D. Narcisa tinha consciência de sua submissão e por este motivo é possível notar a crítica que ela faz a respeito do casamento por conveniência, como um negócio que era imposto as mulheres do século XIX. No pedido de Narcisa aparece a consciência da servidão, visto que, para uma mulher daquela época, a única coisa que restava era um casamento por amor (Muzart, 2001). Neste trecho observamos a presença de uma reivindicação pelo direito do exercício das próprias escolhas e do próprio desejo, uma vez que a protagonista reclama o fato de não ter sido consultada na decisão de seus irmãos pelo seu casamento com o coronel Pedro Paulo.

Nas próximas sessões buscamos apresentar em um breve contexto sobre a representação feminina, bem como sobre a literatura feminina, descrevendo como algumas autoras veem e se postam diante dessa postura arcaica.

5. REPRESENTAÇÃO FEMININA

A representação feminina vem sofrendo mudanças significativas ao longo dos tempos, isso porque as mulheres tiveram oportunidades, ou seja, foram abertas possibilidades sociais a elas. Conseguiram um maior acesso ao mercado de trabalho, ao ensino superior e ao direito de votar, tornando-se independentes e fortes para lutar por direitos iguais não só aos dos homens, mas também de toda a sociedade.

Existe um paradigma de que a mulher é submissa, frágil e ocupa o lugar de vítima em qualquer situação, essa ideia é derrubada a partir do momento em que elas tornam-se independentes, explanando suas forças e capacidades para enfrentarem todo o preconceito e romper com a imagem do homem no poder, gerando inquietação, na sociedade mesmo que pequena, bem como na cultura machista patriarcal. Compreendendo que é preciso atuar não somente na violação de direitos, mas também na prevenção e na desconstrução da cultura patriarcal e acreditando que é possível construir uma relação igualitária para ambos os sexos.

Contudo, as mulheres se mostraram fortes também na literatura, apesar das diversas dificuldades e conflitos para que a sociedade aceitasse suas escritas. As autoras femininas quando escreviam precisavam se esconder por trás de pseudônimos masculinos ou inventar um outro nome para que suas obras fossem publicadas, pois sofriam muitas críticas quando escreviam e suas obras poderiam até mesmo ser rejeitadas pela burguesia.

As representações dos gêneros sexuais na literatura tornou-se propício quando, a partir da segunda metade do século XX, elementos extrínsecos aos textos literários passaram a ser levados em consideração na análise crítica de tais textos. O papel do leitor, antes excluído, passou a ser investigado na medida em que se considerava que a construção do significado do texto literário necessitava de sua participação. Como afirma Duarte (1990), durante muito tempo as mulheres buscavam escrever como os homens para serem aceitas como escritoras:

Na “andrógina” as mulheres tentavam escrever como os homens e corresponderia às primeiras manifestações literárias. A segunda posição definia-se a partir da consciência de que a vivência diferenciada da mulher implicaria num discurso próprio. E a terceira, marcada pelo Ano Internacional da Mulher, as escritoras já expressariam conscientemente “coisas de mulher” em seus textos e pressupõe a existência de uma geração de escritoras feministas. (DUARTE, 1990, p. 22)

Beauvoir (1980), aponta tanto a opressão que pesa sobre as mulheres, quanto as suas dificuldades em se desvencilharem dos laços que as prendem a tal servidão. Beauvoir entende que a mulher assumiu, ao longo dos tempos, o lugar do outro, da pura alteridade com valoração negativa, cuja identidade é determinada pelo homem. Também entende que a dimensão humana é sempre paradoxal, já que “o homem que constitui a mulher como um outro encontrara nela profundas cumplicidades”. (BEAUVOIR, 1980, p.15)

Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência a sente como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (BEAUVOIR, 1980, p. 23).

Showalter (1994), desempenha um importante papel nas reflexões acerca desse assunto. Em “A crítica feminista no território selvagem”, a autora discute algumas teorias relacionadas à produção feminina, centradas nos modelos biológico, linguístico, psicanalítico e cultural. Ela conclui que os estudos feministas que fazem uso do modelo cultural são aqueles que realizam de maneira mais satisfatória a discussão sobre o tema,

por levarem em conta o ambiente histórico – cultural no qual se insere cada obra literária executada por mulheres.

Portanto, não podemos impor mudanças apenas para transformação de um homem ou de uma mulher, mas sim, numa transformação social em que se possa transgredir as normas de comportamento, dominação e de poder impostas pela sociedade aos gêneros. Isso não significa a exclusão do masculino ou do feminino, mas o pensar em homens e mulheres a partir do caráter relacional de poder, considerando que não existe apenas uma mulher ou um homem, e sim, diferentes construções simbólicas de papéis que são flexíveis e que podem sofrer mudanças ao longo do tempo.

No tópico seguinte, falamos sobre como a literatura feminina foi aos poucos incluída em meio a sociedade, a sua importância e como foi difícil a aceitação do homem e da burguesia, quanto a escrita feminina.

5.1 Literatura feminina

A literatura feminina foi de extrema importância e suas manifestações, pode ajudar a retratar a mulher nas diferentes épocas literárias, assim as fontes literárias devem ser utilizadas com cuidado. As informações extraídas das obras literárias são limitadas, pois é embasada no caráter de quem as escreveu. Muitas literaturas visam mostrar as aspirações e a vida de uma mulher, relatando também como elas deveriam ser vistas aos olhos de quem as produziu e de quem as leram.

A literatura, então, como espaço de discurso, torna-se um veículo forte para a reprodução e propagação deste poder pelos homens atribuído e legitimado. Ou seja, o homem autor, também leitor, é que valida aquilo que se produz e exclui o outro, no caso, a produção feminina, desmerecendo-a.

Quando se fala no caso da representação feminina, as mulheres foram imaginadas e concebidas pelo olhar do outro, do homem, adequando-se à vontade masculina, os escritos das mulheres, são consideradas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos.

Ainda hoje, grande parte da escrita feminina dos séculos XIX e XX é desconhecida, fato que contribui para que muito da história das mulheres seja ignorada. No entanto, novos estudos de gênero vêm abrindo caminho para a apreensão dessas obras e para a incorporação delas à trajetória do país, auxiliados por novas perspectivas de análise e considerando a mulher como ator social.

A partir daí, compreende-se que os homens ocuparam o lugar de fala, a produção masculina sobrepôs-se à feminina, uma vez que elas não tinham o mesmo lugar na representação literária. No entanto, não podemos afirmar que as mulheres desse tempo eram proibidas de escrever, mas sim que elas eram inibidas pela sociedade e pelo homem

5.2 Representação feminina em D. Narcisa de Villar

Nesta sessão, propomos revisitar o romance D. Narcisa de Villar (1858), de Ana Luísa de Azevedo Castro, a fim de demonstrar de que modo a narradora constrói a história de D. Narcisa de Villar repensando e apresentado os papéis de identidade de gênero no contexto oitocentista, uma vez que questiona o lugar destinado ao feminino pela sociedade patriarcal contada na narrativa.

Para esclarecer essa redefinição de papéis, a narradora criada por Castro apresenta um modelo de feminino agressivo e combativo, fugindo de qualquer padrão feminino do século XIX, estabelecendo, assim, uma estrutura social em que a protagonista, Narcisa, luta para defender o seu amado e se contrapõe ao lugar que lhe fora imposto por seus irmãos, representantes do patriarcado.

Deste modo, a narradora questiona os privilégios masculinos, o sistema de valores machista que aprisiona a mulher. Buscando empoderar a figura feminina nessa narrativa, contrapondo-se a um modelo de literatura predominantemente sexista em que está inserido o romance nesse contexto. Castro opta, então, em um primeiro momento por apresentar o amor que D. Narcisa sentiu por Leonardo desde o momento em que teve contato com ele, e o instante em que Leonardo sentiu que amava intensamente D. Narcisa de Villar.

Sua doçura [de Leonardo], humildade e obediência o tornavam tão digno aos olhos de sua ama [Narcisa], que cada dia ela se ocupava com mais ardor da tarefa de o educar. Quanto aos sentimentos que inspirava ao menino as ações de sua senhora, chegavam à idolatria (CASTRO, 2001, p. 30)

E posteriormente,

Somente então, somente naquele dia, depois que vira a moça sair pela primeira vez de sua casa, para ser apresentada a um estranho, foi que ele descobriu todo o fogo de amor que o abrasava. – Amava-a. [...] Comparado esse belo moço cheio de graças, de franqueza e de coração puro, com o terrível coronel [prometido em casamento a Narcisa], que tinha a seu lado, sua alma fugia espavorida de seu

peito e ia refugiar-se no seio de seu companheiro de infância. (CASTRO, 2001, p. 36-37)

No início da narrativa a autora deixa claro o amor que sente Leonardo por Narcisa, mas também por descrevê-lo como um homem de ‘coração puro’, dentre outros adjetivos que são enumerados ao longo do romance. Quanto à Narcisa, prometida por seus irmãos para o coronel Pedro Paulo, primeiramente reage de modo silencioso, sublimando os seus planos de amar livremente Leonardo e, posteriormente, nega o marido forçado e luta ao lado de Leonardo para concretizarem esse amor proibido, chegando ao ponto de tentar salvá-lo, entrepondo-se entre este e seus irmãos.

Alós (2004), afirma que a representação feminina, na obra de Ana Luísa de Azevedo Castro, merece destaque por vários motivos: por ser uma obra de autoria feminina, em uma época em que a voz e a escrita das mulheres eram silenciadas; por contar com uma narradora declinada no feminino, narrando um romance que tem por título o nome da protagonista da obra (ou seja, de uma mulher) e por representar, em suas personagens, tanto a mulher branca, de origem europeia, na personagem de Narcisa, quanto a mulher indígena, na personagem de Efigênia.

Pode-se observar no trecho seguinte do livro que D. Narcisa revela o seu real desejo a Leonardo, ou seja, pôde expressar sua vontade. Demonstrando assim, a sua coragem em confrontar seus irmãos se fosse preciso para evitar o casamento tirânico ao qual seria submetida.

– Meu plano é este: farei por desviar o meu consentimento sem deixar perceber que nenhum alheio sentimento se entremete na minha recusa; a tua segurança me dará coragem, e ocultar-me-ei quanto possa do coronel. Entretanto, meu amigo, tenho-te feito muito falar; achas-te quase restabelecido, porém estás ainda fraco; tua mãe não aprovaria o nosso longo colóquio; [...]. (CASTRO, 2001, p. 59)

Dessa forma, é retomado a perspectiva da representação feminina em D. Narcisa de Villar que adapta-se à nova condição de vida, a partir do momento que vai morar com seus irmãos, onde é obrigada a obedecer suas vontades, devido o pedido de sua mãe que vinha de uma tradição patriarcalista e ao seu caráter obediente. Mas logo em seguida, resolve lutar e enfrentar seus irmãos, indo contra a submissão do patriarcalismo quando se recusa a casar apenas por conveniência, passando a mostrar sua voz e o seu desejo, impondo seu direito de escolha e de livre exercício do seu desejo, mesmo que essa atitude lhe custasse a vida.

Alós (2004), aponta que o romance de Ana Luíza Castro retrata o feminismo desde o início, quando ela começa o prólogo nas primeiras páginas do livro. Destaca como primeira narradora, mãe Micaela, uma velha índia, que conta a história de D. Narcisa a Taim, uma menina que queria saber sobre a lenda que pairava sobre a “Ilha do Mel”, assim foi perguntar a índia o motivo pelo qual a Ilha do Mel é considerada assombrada. A segunda narradora é a própria Taim, a narradora “cultu”, que fixa o relato feito oralmente por Mãe Micaela.

Na próxima sessão buscamos apresentar os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa, descrevendo as etapas que foram seguidas para o levantamento das referências bibliográficas.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista que neste tema buscamos explicar a trajetória patriarcal e a representação feminina abordada na obra de Ana Luísa Castro, este trabalho é entendido como uma pesquisa de caráter exploratória, pois a mesma parte de uma análise mais profunda da obra, classificada também como explicativa, porque além de explorar, ela visa descrever os fenômenos existentes em torno da autoria feminina e a representação feminina da obra.

A pesquisa é de punho qualitativo pois não serão usadas técnicas de estatística, e sim de base interpretativa de uma situação social já existente, tendo como suporte teórico os estudos culturais, visando explorar e descrever o posicionamento da autora e a representação da personagem feminina na obra.

O projeto se denomina como uma pesquisa básica, pois visa gerar conhecimentos novos sobre o assunto trabalhado, com o objetivo de contribuir para o avanço de estudos futuros que venham a ser pesquisado na área, é básica também por não conter aplicação para buscas de problemas e soluções específicas.

Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida por etapas, inicialmente fizemos a leitura da obra de Ana Luísa de Azevedo Castro D. Narcisa de Villar, fazendo uma análise da representação da figura feminina que se encontra na obra, de como a mulher era vista pela sociedade e como a personagem que dá nome a obra se portou diante da condição imposta a ela.

7. D. NARCISA: Entre o Patriarcalismo e a representação feminina

A condição do patriarcado contido na obra de Ana Luísa Castro, é apresentado desde o momento em que sua mãe morre e pede para que ela obedeça os seus irmãos, colocando a moça em um estado de submissão. No início da história que mãe Micaela conta a sua ama (Taim), já é demonstrado o poder de D. Martim de Villar onde ele se mostra um homem mal por seu comportamento rude, em que a sociedade não demonstrava nenhum apreço por ele.

O bárbaro tratamento e despotismo que ele exercia sobre seus numerosos administrados faziam-no odiar por essa gente de coração tão sensível e a quem eles chamam selvagens. (CASTRO, 2001, p. 28)

E logo em seguida,

Longe pois de atrair sobre si as bênçãos de seus súditos, somente havia feito nascer o temor, em vez do respeito em todos os corações. Natureza egoísta, orgulhosa e fria, ele julgava essa espécie nascida para a submissão e trabalho, e suas penas nenhuma sensibilidade achariam naquela alma dessecada pela ambição, que presumia com desdém, que os pesares não deviam tocar a entes incapazes de refletir. [...] Seus dois irmãos o acompanhavam em seus sentimentos e opiniões, e as crueldades que exerciam quando reunidos administravam justiça, os fazia denominar por todo o povo, homens do raio. (CASTRO, 2001, p. 28-29)

Neste trecho é possível perceber que o patriarcalismo já se mostra presente, a partir do momento em que é descrito que a sociedade era posta em estado de submissão. Tratados como pessoas inferiores e que deveriam trabalhar, obedecer e sofrer o tratamento rude de seus dominadores, os homens que naquela época eram os escolhidos para chefiar a sociedade, ocupando o cargo de governador. Também é possível observar no trecho seguinte a mesma situação.

Os senhores de Villar tinham, é verdade, belo exterior, mas também um não sei quê de cruel sarcástico em suas fisionomias, que desagradava, além disto sua conversação tratava somente de planos gigantescos, futuras riquezas, e engrandecimento pessoal. (CASTRO, 2001, p. 34)

Mesmo que sua irmã não amasse o homem escolhido por seus irmãos, eles a forçariam a se casar. Dom Martim de Villar desejava estreitar as relações que tinha com uma rica e nobre casa de Lisboa, cujo atual representante tinha sido seu companheiro de estudo. Dessa forma, ele faz negócio com o coronel Pedro Paulo, ou seja, usa sua irmã

para conseguir um maior “status”, mais dinheiro para sua família manter seu poder e sua nobreza.

Casar sua irmã com seu antigo condiscípulo era para ele o fim desejado de um de seus belos planos: a sua ausência tão dilatada da capital se opunha à realização de seus projetos: e não podendo no Brasil, estabelecer em Portugal a donzela de Villar, como requeria a hierarquia de seu nascimento e o desejava a sua ambição, tinha tencionado fazê-lo entrar em um convento assegurando a sua sorte. Assim a rica herança que a jovem perceberia, não seria jamais desencaminhada da família. Porém, sem que já tal coisa se supusesse, o noivo desejado se apresentou num belo dia em sua casa, com as mesmas pretensões do seu amigo camarada: era ele o coronel Pedro Paulo, rico nobre, e de bom nome, que de tão longe vinha pedir a mão de D. Narcisa de Villar; esta aliança que vinha achar tão forte apoio na vontade de D. Martim, o fez dispor de sua irmã, como senhor, e não era preciso para a *conclusão* desse negócio o consentimento inútil, como pensava ele, d' uma menina que mal sabia o que fazia. De mais, sua irmã, criada no isolamento, havia adquirido o caráter dócil e brando das pessoas só acostumadas à obediência. (CASTRO, 2001, p. 42-43)

Por achar que o irmão faria um ótimo negócio os irmãos de D. Martim apoiaram a sua decisão. Por isso, trataram de apresentar D. Narcisa de Villar o mais rápido possível para o coronel, Pedro Paulo ficou maravilhado com tanta graça e doçura e tratou de apressar o casamento. Logo, assinaram as escrituras e contratos para formalizar o tratado, D. Narcisa de Villar era a única que tudo ignorava, não tinha muito contato com seus irmãos, pois eles a deixaram sob os cuidados da índia Efigênia e sempre presente seu filho Leonardo.

Os irmãos de D. Narcisa de Villar por algumas vezes a obrigava fazer coisas que ela não queria, mesmo sem querer ela os obedeciam por achar que deveria o fazer porque sua mãe pediu antes de morrer. Assim, quando assinou o contrato não sabia que havia assinado com tanta ingenuidade a escritura de seu casamento, confirmando assim o acordo com o coronel. Pouco depois Leonardo contou para a Sr^a. De Villar o que os irmãos estavam tramando.

– Senhora, eles querem casá-la; tenho certeza, que esses convidados são para acompanhá-la até o dia da cerimônia, respondeu Leonardo, afogando-se em pranto!
 – Casar-me! E com quem, se não me consultaram?
 – O seu noivo é o coronel Pedro Paulo.
 – Ah! Meu Deus! Balbuciou a moça quase desmaiando!...
 Profundo silêncio sucedeu a estas breves palavras que retumbaram na alma da donzela com um som estridente. (CASTRO, 2001, p. 49)

Só depois de descobrir a verdade sobre a cruel tirania que seus irmãos estavam fazendo, D. Narcisa percebeu a grande maldade deles decidiu não mais comparecer quando fosse chamada por eles para se encontrar com o coronel.

Dom Martim dispunha de sua sorte com despótica segurança, e a mais leve sombra de resistência da parte de sua irmã não tinha jamais vindo interpor-se a seus projetos. Ainda alguns dias faltavam para a cerimônia, porém o cavalheiro quis a irmã perto do noivo e para isto mandou-a buscar à sua morada. (CASTRO, 2001, p. 63)

Quando seu irmão foi buscar respostas do motivo pelo qual ela não respondia a suas chamadas, D. Narcisa achou que se convencesse o irmão de que não amava o coronel ele a deixaria em paz, mas não foi o que aconteceu. Efigênia sua amiga e cuidadora ao tentar defendê-la também sofre agressão verbal de D. Martim.

– Não falo contigo, mulher, atalhou o senhor de Villar e com arrogância: retira-te que desejo ficar só com a senhora. A pobre criatura perturbada pelo poder dessa voz imperiosa que lhe calava n'alma, olhando para a donzela, que estava pálida e trêmula como uma silva batida pelo vento do sul. (CASTRO, 2001, p. 64)

Dessa forma, Efigênia buscou toda energia que tinha dentro de si para confrontar o patriarca, e Dom Martim torna a dizer-te, “- Rústica, sai, disse o senhor de Villar erguendo-se com furor e levando os punhos às faces da índia”. (CASTRO, 2001, p. 65)

Na obra, podemos compreender que se trata de situações em que a autora sente repulsa, mas revela detalhadamente a postura de um homem que mantém uma atitude patriarcal.

O *homem grande* tinha um gênio irascível; acostumado a ser sempre obedecido, não tolerava a mais pequena recusa, e tanto mais isso o irritava, quanto mais inferior era a posição de quem o contrariava. E, pois, se sua irmã tivesse aceitado a sua proposta complacente, não teria visto faíscas ardentes de seus olhos que se tornaram ferozes como o clarão que lança a labareda que começa a atear-se. (CASTRO, 2001, p. 68)

Depois, D. Martim tornou a dissimular sua cólera, e sem rodeios informa a Narcisa que ela precisara morar em Lisboa, já que iria se casar com o coronel Pedro Paulo. Vendo que sua irmã estava resistindo quanto a ideia de se casar com um homem que ela mal conhecia, D. Martim apela para a memória de sua mãe e tenta convencer D. Narcisa que esse seria o desejo de sua mãe.

– Para cumprir o pedido de nossa mãe, minha boa irmã, é que a enviarei a Lisboa, e tão bem acompanhada, que nossa mãe no céu me há de bendizer por isso. Vou casá-la com o coronel Pedro Paulo; estou certo (acrescentou com malícia), que também a senhora aprovará esta minha resolução. (CASTRO, 2001, p. 68)

Em seguida, a autora afirma que o Irmão de D. Narcisa fica zangado novamente por ela continuar resistindo a obedecê-lo e explode novamente dentro de si.

Ora façam lá às moças, disse ele entre si, enfurecendo-se de novo!... Estou aqui como que a rogar a uma criança que aceite a fortuna que se lhe apresenta em vez de mandá-la com superioridade! E tudo, porque é minha irmã! Vá mais este sacrifício e será o último. Mulheres, mulheres! É bem pesada carga para um homem! Esta pequena, para sustentar os seus caprichos, julgo que aceitaria o convento; e. Acrescentou alto, a ver o efeito que produziam suas palavras:

– Minha irmã, com as ideias que acaba de manifestar, estou certo que tomaria de preferência a vida da clausura ao brilhante casamento que lhe ofereço? (CASTRO, 2001, p. 71)

No próximo trecho podemos ver a autora deixa claro que o patriarca reprime tanto sua irmã como os seus criados com grosseria e soberba.

– Quem te permitiu, insolente, assim te exprimir com teu senhor? Com que direito te dizes esposo desta senhora? Acaso esqueces a distância que vai de ti a ela? Sabes, ignorante, que ela é a nobre filha de um fidalgo cujos avós honram a história com sua nobreza e feitos de armas, e tu és o semi-selvagem que eu fiz educar cristãmente? Infame, terás bem depressa, o castigo da tua insolência e, dizendo isto, aproximou-se da moça. (CASTRO, 2001, p. 106-107)

Em seguida, o irmão de D. Narcisa a informa que ela morrerá por ter ferido a honra e a nobreza de sua família, escolhendo juntar-se a seu querido Leonardo, já que o fidalgo já havia matado seu amor.

– Sim, tu morrerás, mulher indigna, acudiu D. Martim, que postergastes todas as leis da honra e da nobreza, entregando-te a um homem sem nome e sem nascimento; porém em consideração à minha qualidade não morrerás como esse cão; hás de morrer como cristã, para que tua alma não se perca na eternidade. Ah! O castigo do teu crime começa neste momento pela tua vergonha confissão. Olá! Senhor Vigário, entre para cá, que tem que fazer. (CASTRO, 2001, p. 119-120)

Dessa forma, podemos observar que na obra de Ana Luísa Castro apresenta os reflexos dos “*Homens Grandes*”, isto é, os irmãos Villar, são descritos de forma obscura e patriarcal, tanto sobre sua irmã como seus subalternos. Em acréscimo, a narradora fomenta a contemplação nociva do homem branco/colonizador europeu, trazendo à tona a “cobiça” presente em suas “almas”, que eram despidas de qualquer “caridade, compaixão ou afeição” pelo próximo.

A partir da análise do patriarcado demonstrados anteriormente, podemos encontrar no livro “D. Narcisa de Villar”, uma grande representação da voz feminina também que logo no início, já faz crítica ao casamento por conveniência, ou seja, o casamento como negócio imposto pelo pai às filhas, no caso de D. Narcisa é o irmão quem faz esse papel.

A representação feminina, na obra de Ana Luísa de Azevedo Castro, merece destaque por vários motivos: por ser uma obra de autoria feminina, em uma época em que a voz e a escrita das mulheres eram silenciadas; por conter também uma mulher como narradora, narrando um romance que tem por título o nome de uma mulher, sendo representada por personagens, tanto a mulher branca, de origem europeia, na personagem de Narcisa, quanto a mulher indígena, na personagem de Efigênia.

O que o engrandece a história é exatamente não idealizar a figura de um homem, mas sim deixar claro que essa obra é sobre D. Narcisa, sobre uma mulher e suas lutas, é questionar qual o lugar do feminino nessa obra e neste contexto. Podemos ver que no trecho seguinte Narcisa já mostra um pulso firme e decidido ao querer educar Leonardo.

Querendo mostrar mais vivamente a sua gratidão à índia, tomou a si o trabalho da educação de Leonardo; ensinou-o a ler, e instruiu-o tanto quanto pode na religião católica, fazendo o discípulo admiráveis progressos com aquela mestra inspirada. (CASTRO, 2001, p. 30)

A autora idealiza a mulher quando descreve a beleza de D. Narcisa de Villar.

Seu pescoço alvo e longo como o da gaivota de nossas margens, era o ornado de colares de diamantes, cujos laços lhe cobriam o alvo colo; seus cabelos pretos e lustrosos no alto da fronte por flores de pedras de muito custo. Seu talhe fino e esbelto como o do beija-flor, era desenhado pelas longas e profundas pregas de seu vestido de cabaia azul com flores de prata; seus pés calçavam uns sapatinhos de cetim branco, de salto, que tornavam ainda mais majestoso o andar de rainha. Ah! Que era a mais bela virgem de todo o bairro! (CASTRO, 2001, p. 32)

Portanto, a representação da mulher é afirmado no momento em que se dá a apresentação da beleza de D. Narcisa. É possível verificar a coragem da moça quando descobre a trama de seus irmãos, a protagonista da obra mostra a sua voz quando Leonardo fala sobre seus sentimentos, e como se a estivesse comparando com seus irmãos, dizendo que ela nunca amaria ele porque era pobre e inferior a sua senhora, mas ela o repreende.

– Escuta, Leonardo, disse a jovem senhora, depois de alguma pausa; fazes mal em me supores, no teu ressentimento, com o mesmo caráter de meus irmãos. Não os conheço, deles fui separada muito menina, respeito-os e estimo-os, porque minha mãe assim me ordenou, morrendo; porém não sei se são honestos ou libertinos se são bons ou maus; sei só de mim, que vou te falar. (CASTRO, 2001, p. 54)

E logo em seguida;

Pois bem. Leonardo, a filha do nobre Sr. de Villar a irmã do poderoso D. Martim, desprezaria todas as riquezas do mundo todo o fausto e grandeza de pomposos títulos, se em troca lhe fosse permitido gozar ignorada da única sociedade que convém ao seu coração. E, se lhe fosse também permitindo-te a todos os homens; - eis aqui aquele que escolho para companheiro da minha vida! (CASTRO, 2001, p. 55)

Com isso, D. Martim organizou o mais rápido possível o casamento de sua irmã, faltavam alguns dias para ocorrer o matrimônio e seu irmão manda buscar ela em sua casa, mas D. Narcisa não atendia a seus pedidos.

Mas, com grande espanto, a donzela não aparecia, não obstante ser chamada muitas vezes. Efigênia, que tantos desgostos havia tragado, no curto espaço de um mês, via com susto esse chamado como um anúncio de desgraça, e a cuja obediência queria subtrair a jovem senhora. [...] D. Martim impacientou-se quando viu pela terceira vez chegar o portador de seu mandado com uma resposta frívola da parte de sua irmã. Não sabendo o que pensar de semelhante falta, saiu não sem alguma preocupação em busca de D. Narcisa. (CASTRO, 2001, p. 63)

A autora também dá voz a criada de D. Narcisa quando ela se manifesta contra D. Martim de Villar por querer levar Narcisa sem o seu consentimento. Ela se coloca em meio ao dois e diz que a menina não sairá de perto dela, ou seja, ele também teria que levá-la, o senhor de Villar se exalta erguendo-se com furor e levando os punhos às faces da índia, vendo isso D. Narcisa de Villar se levanta para defendê-la.

– Meu irmão, bradou a filha dos brancos levantando se quando viu a atitude belicosa do homem grande peço-lhe que desculpe Efigênia. Ela tem por mim tanto zelo, que muitas vezes o leva a um extremo de imprudência; é o seu modo de afeição; não tem ideia mesmo do respeito devido á sua pessoa; a alma é generosa e boa; se pensasse que nisso cometia uma falta, ela não o praticaria. (CASTRO, 2001, p. 65)

Em alguns pontos podemos observar que uma defende a outra sempre que vê algo alguma injustiça acontecendo. O irmão de D. Narcisa foi em sua busca depois de

tanto ter mandado recado para que ela comparecesse em sua morada sem nenhum sucesso. Entretanto, D. Martim não contava com a rebeldia da jovem, apresentada no excerto da obra de Ana Luísa Castro de 2001, p. 69:

— Não, disse ela, como falando consigo, não me hei de casar com esse homem, porque não o posso enganar. Estas palavras surpreenderam a D. Martim, que não menos admirado estava da transformação que vira na jovem D. Narcisa, apresentando um contraste tão repentino.

Ameaçando deixá-la em um convento se ela insistisse em não aceitar o seu casamento, a senhorita de Villar o responde que prefere ficar o resto da vida em um convento a ter que se casar com alguém que ela nem se quer conhece direito. Assim, o enfrenta na esperança de que ele fizesse mesmo o que estava oferecendo. Porém no trecho seguinte percebemos que D. Narcisa de Villar se rebela contra o irmão.

— Sim, meu irmão: fechai-me em um convento; sim quero lá viver, e livrai-me deste casamento.
 — E eu, repetiu o fidalgo: quero antes vê-la com véu de noiva, do que com a coroa de freira. E dizendo isto, travou de repente no braço da jovem, obrigando-a a acompanhá-lo.
 — Meu irmão, disse, em nome de nossa mãe, suplico que me poupe uma desgraça, porque sinto que não poderei obedecer-lhe. (CASTRO, 2001, p. 71-72)

Nesse diálogo entre Narcisa e D. Martim, ela se abre com o irmão manifestando a vontade de não se “casar” com o coronel, já que não o amava. Essa atitude causa estranhamento no senhor. Em seguida, ele questiona se para se casar é necessário sentir amor pelo outro:

— E em que o enganaria, senhora? - Porque impossível seria dizer-lhe que o amo.
 — Ora, acrescentou o fidalgo encolhendo os ombros; trata-se por ventura de amor em um casamento? ...
 — Senhor, não trate desse modo o destino da mulher; não queira roubar o único bem que esse ente sensível pode achar no sacrifício da liberdade de sua vida inteira.
 — Na verdade, minha irmã, que me surpreende achá-la tão espirituosa! tornou D. Martim com ar sardônico, mas intimamente encolerizado.
 — Ah! exclamou a moça exaltando-se: não me consultaram; sou a única que tudo ignoro de um fato que sabê-lo-á talvez até o mais obscuro dos criados que me servem, porque dispuseram de mim como de um fardo, que se mercadeja! ... Se querem agora a minha presença, é para que o comprador veja melhor a qualidade do estofado que ajustou pelo preço que se chama dote! Ah! e querem, depois de toda esta profanação ao mais sagrado de todos os atos da vida da mulher, que haja casamentos felizes? ... Irrisão! ... (CASTRO, 2001, p. 69-70)

Narcisa reafirma sua convicção, solicitando que o irmão respeite “o único bem” que uma mulher possui em toda sua vida, o de se casar por amor. Apesar disso, sua vontade não é respeitada: D. Martim a engana e a leva a força para morar consigo, deixando-a trancafiada em um quarto de sua moradia.

Na apresentação de D. Narcisa de Villar, Zahidé Muzart (2001) considera que Narcisa representa a “pura heroína romântica, bela e virtuosa, porém tem consciência de seu estado de submissão”.

No dia do casamento de Narcisa com Pedro Paulo, a jovem e Leonardo fogem em uma canoa. Entretanto, uma tempestade os leva à Ilha do Mel, onde se escondem em uma gruta e são encontrados por seus inimigos, os irmãos de Narcisa. Ao serem localizados pelos irmãos de Villar e pelo coronel Pedro Paulo e, logo após, por Efigênia, que parte, na tentativa de ajudar o casal, muitos segredos são revelados.

D. Narcisa, tenta resistir de todas as formas ao casamento arranjado, desafiando, por fim, a autoridade patriarcal, representada no livro pelos seus irmãos. A revelação de Efigênia de que Leonardo é filho de D. Luís, irmão de Narcisa e que, portanto, Leonardo e Narcisa são parentes, aparece como uma impossibilidade para a realização deste amor, então, incestuoso.

Efigênia, mesmo sendo uma personagem secundária na obra, também merece destaque por ser uma representação feminina indígena. Que ainda jovem, foi seduzida por D. Luís de Villar, de quem engravidou e foi abandonada. Receando o desprezo e a rejeição que seu filho sofreria em sua tribo, saiu à procura de D. Luís, resignando-se a viver como escrava nas terras da família deste.

Leonardo, vendo-se ameaçado e agredido pelos irmãos Villar, desesperado, joga uma pedra que tinha na mão, a qual atinge o coronel Pedro Paulo na cabeça, matando-o. Os irmãos de Villar, furiosos, matam Leonardo. D. Martim chama D. Narcisa para perto de si e ela revida:

– Acabai vossa obra, meus irmãos, disse a moça com uma voz doce e cheia de celeste unção; o que intentais é matar-me não é assim? Vossas mãos ainda não estão bem tintas de sangue pois apressai-vos que desejo ir reunir-me a meu esposo que me acena lá do céu. Não é hoje a minha noite de bodas?! Acrescentou ela desvairada. Fazei-me o único bem que terei de vós recebido o de morrer junto ao corpo de Leonardo. (CASTRO, 2001, p. 119)

D. Narcisa morre por ter se interposto entre seu amado, morre ainda por ter protestado contra a 'honra' e a 'nobreza', valores patriarcais que, por isso mesmo, são 'leis' como asseveram os irmãos antes de executá-la.

A morte de Narcisa e de Leonardo não se dá exclusivamente por se amarem, mas por quebrarem as leis do patriarcado, desafiá-lo e subvertê-lo, assumindo identidades além daquelas a eles destinadas. A eles é dada a pena mais grave por ter rompido com uma lei social: a pena de morte.

Tal morte corrobora com o perfil de vencidos por uma força que se mostrava superior à deles, o patriarcado. No entanto, é importante frisar, que o mesmo sistema vencedor é desenhado pela narradora de modo a ser contestado, combatido, destruído, deixando clara a função de desconstrução do patriarcado e empoderamento femininos propostos pela narradora.

Portanto, morrer para a protagonista é um ato heroico, é a última luta e perdê-la não diminui Narcisa, pelo contrário, a engrandece e serve como forma de combate da autora, contra o patriarcalismo. A voz feminina é ali escancarada e a sua morte serve para chamar a atenção ao silenciamento das mulheres que ocorria, e ainda ocorre, não apenas no cenário literário, mas também no político e social.

O fato de Efigênia manter em segredo a paternidade do filho também é uma estratégia de resistência, pois ela perderia todos os direitos sobre o filho para D. Luís. A tentativa de calar a voz feminina também aparece quando Efigênia, após revelar que Leonardo é filho de D. Luís, é acusada por ele de ser uma ladra. Quando, mostra as iniciais de Luís, gravadas em seu peito, no dia em que, pela primeira vez, ele lhe jurou amor eterno, e um retrato da mãe dos Villar, que o português deu a ela, em penhor do seu amor.

Assim, apresentando alguns dos excertos expostos anteriormente do livro, pretendemos neste momento trazer à tona a maneira pela qual o romance D. Narcisa de Villar interpreta a figura do homem europeu, nesta obra, como um ser responsável pelos problemas e aborrecimentos. O segundo fortalece a 'teimosia' dos grupos marginalizados em rebelar-se contra a classe dominante. Todas os personagens menos favorecidos do romance (Efigênia, Narcisa e Leonardo), posicionam-se contra a tirania gerada pelo colonizador europeu.

Tudo isso mudou muito nos dias atuais, as mulheres definiram seu padrão de vivência, tornando-se independente financeiramente e não se submete a autoridade masculina. Mas ainda sofre a desvalorização e o preconceito, por conta do paradigma de

que é um sexo frágil. Ainda assim, vem lutando por seu espaço e igualdade entre homens e mulheres, ocupando lugares que antes eram de exclusividade dos homens como: pedreiro, presidência, bancos entre outros.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados nesta (re)leitura de “D. Narcisa de Villar”, esperou-se resgatar uma voz dissonante do Romantismo brasileiro, há muito tempo encarcerada nos atos patriarcais. Essa libertação é fundamental não somente por se tratar de uma escrita feminina daquela época, mas por toda a consciência crítica, seja literária, social, política, entre outros.

Destaca-se também que, nesta única obra de Ana Luísa de Azevedo Castro, as mulheres e os indígenas ganham voz para que possam denunciar os diferentes tipos de violência vivenciados tanto pelas mulheres quanto pelos índios no Brasil do século XIX. Desta forma, mulheres e índios representam a resistência a uma sociedade patriarcal, colonialista e também, escravocrata.

Contudo, frisamos nos aspectos patriarcalistas e feministas da obra. Assim como em outras obras de autoria feminina do século XIX, D. Narcisa de Villar denuncia a violência institucional e simbólica, desestabilizando, desta forma, a configuração da identidade patriarcal, uma vez que deu voz a mulher e aos sujeitos subalternizados.

Propôs-se neste trabalho, apresentar características da mulher em relação ao patriarcalismo do século XIX, fazendo uma análise do contexto histórico, da evolução feminina, das motivações e consequências obtidas naquela época.

A proposta de pesquisa materializada no presente trabalho, justifica-se na medida em que, nas buscas feitas no livro, artigos e bibliotecas virtuais, identificou-se a escassez de trabalhos sobre a temática, no âmbito da representação feminina.

Além do exposto, defende-se nesta pesquisa o posicionamento de que, de um lado encontramos os conceitos da identidade cultural brasileira, e do outro a exclusão da autoria feminina que se passava no século XIX.

Assim, a pesquisa buscou contribuir em seu contexto para que o leitor pesquisador possa refletir como a literatura de autoria feminina era excluída, e também como era trabalhada a representação da mulher em obras publicadas por mulheres. Destacamos ainda nesta pesquisa que desde a época frisada as mulheres já se posicionavam para denunciar os diferentes tipos de violência sociais que sofria a figura

feminina no Brasil do século XIX. Tendo em vista que na obra é retratada a resistência de uma sociedade patriarcal, colonialista e também escravocrata, a pesquisa visou gerar novos conhecimentos e contribuir para o avanço científico da área da literatura brasileira.

Desta forma, o livro *D. Narcisa de Villar* traz à tona, reflexões acerca da exclusão de Ana Luísa de Azevedo Castro dos cânones literários nacionais, ou seja, a literatura feminina. Foi possível observar também a crítica ao casamento por conveniências, fazendo da mulher uma mercadoria e usurpando seu direito de escolha e de livre exercício do seu desejo, bem como a violência patriarcal para com os seus criados que eram indígenas.

Considerando-se a época em que a obra foi escrita, deixamos claro que a inclusão ou exclusão de algumas obras do cânone literário, não acontece de forma neutra ou sem interesses, mas em função de escolhas políticas, evidenciando o descrédito de obras e autores que não estão ligados às elites culturais, sejam elas de gênero, classe ou de raça dominante, inseridos, assim, no campo das relações de poder.

O objetivo central do presente pré-projeto foi elaborar uma base de compreensão e reflexão ao leitor pesquisador, mostrando de que forma a autora se posiciona neste romance em relação à representação da mulher, de que forma é destacada e representada a figura feminina, enquanto sujeito social, deslegitimada e silenciada.

A partir desta análise de pesquisa, acreditamos ter alcançado todos os objetivos propostos no início do trabalho, pois foram apresentados e relatados todos os momentos em que na obra percebemos a presença do patriarcalismo e a condição feminina. Desta forma, ter passado também todas as concepções sobre o patriarcado e a literatura feminina vividos na época em que foi publicado o livro intitulado: *D. Narcisa de Villar*.

9. REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. **O indianismo revisitado: a autoria feminina e a literatura brasileira do século XIX**. Organon (UFRGS), Porto Alegre, v. 18, n. 37, 2004, p. 27-50, <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/31171/19346>>. [13/09/2013].

BARATA, Paulo José Valente, SALES, Germana Maria Araújo. **Vozes femininas no romance D. Narcisa de Villar – o lugar da mulher nas histórias literárias**. Disponível em: www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/3837.htm. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 49 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, v.I, II**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 14. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2013.

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. **D. Narcisa de Villar**. 4. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001**. Escrituras: São Paulo, 2002.

COUTINHO, Afrânio, COUTINHO, Graça et al. Afrânio Coutinho. **Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado**, 2003.

COUTINHO, Afrânio; co-direção Eduardo de Faria Coutinho. **A literatura no Brasil**. 7 ed. rev. E atual. São Paulo: Global, 2004.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008.

Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/2326559/O-que-e-patriarcalismo-e-quais-suas-influencias-nos-dias-atuais>>. Acesso em 26 de dez. 2018.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

LEITE, Maria do Perpetuo. **Socorro Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br>>view File. Acesso em: 19 de jun 2018.

LOPES, Cláudio Bartolomeu. **Trabalho Feminino em Contexto Angolano: um possível caminho na construção de autonomia**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: PUC São Paulo, 2010. Acesso em 02 de janeiro de 2019.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1990.

MURARO, Rose Marie. **A Mulher no Terceiro Milênio**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Introdução a D. Narcisa de Villar**. In: **D. Narcisa de Villar**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

PRIORI, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SAFFIOT, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**; prefácio de Antônio Cândido de Mello & Souza. Petrópolis, Vozes, 1976.

_____. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SERRA, Tania Rebelo Costa. **Antologiado Romance – folhetim 1839 a 1870**. Editora Brasília/ Unb, 1997.

SOUZA, Roberto Acízelo de (1999): **O império da eloquência: retórica e poética no Brasil Oitocentista**. Rio de Janeiro: Eduerj/Eduff.

SCOTT, Joan. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Mulheres reescrevendo a nação. Estudos feministas**. Florianópolis (UFSC), N. 8, N. 1, 2000, P.84 – 97. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/artice/view/9858/9091>. Acesso em: 16 de jun 2018.

TAVARES, Eleusa Diana Almeida. **Literatura e história no romance feminino do Brasil no século XIX: Úrsula**. In: **XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e III Seminário Internacional Mulher e Literatura**. 2007. Ilhéus, BA. Anais... Ilhéus, BA: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2007. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF>. Acesso em: 19 de jun 2018.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Literatura de autoria feminina**. In: & Bonnici, Thomas (orgs.). **Teoria Literária – abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009, p.327-336.